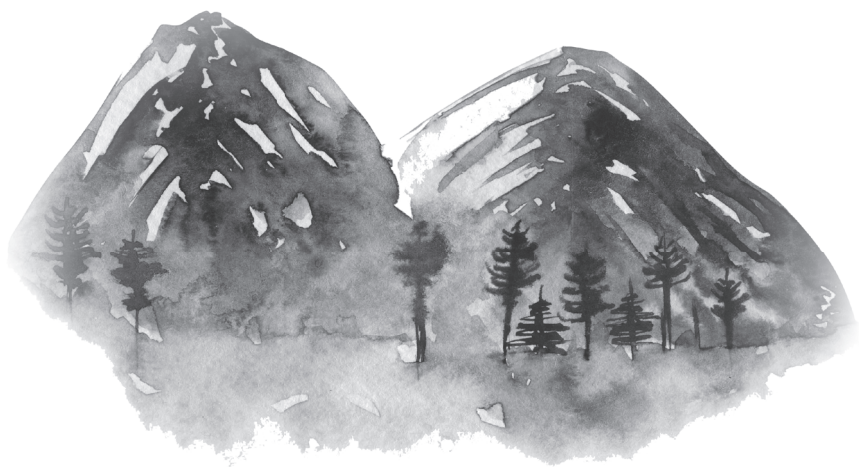


O SERMÃO da Montanha

O SERMÃO da Montanha



Georges Chevrot

2ª edição

Tradução
Alípio Maia de Castro



QUADRANTE

Título original
Les béatitudes

Copyright © 1988 by Marcel Chevrot

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Chevrot, Georges, 1879-1958

O Sermão da Montanha / Georges Chevrot ; tradução Alípio Maia de Castro – 2ª edição – São Paulo : Quadrante, 2022.

Título original: *Les béatitudes*

ISBN: 978-85-7465-415-7

1. Bem-aventuranças 2. Jesus Cristo – Ensinaamentos 3. Sermão da Montanha I. Título II. Série

CDD 226.906

Índice para catálogo sistemático:

1. Sermão da Montanha : Reflexões : Cristianismo 226.906

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA

Rua Bernardo da Veiga, 47 – Tel.: 11 3873-2270

CEP 01252-020 – São Paulo – SP

www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

Sumário

Prólogo.....	7
O Evangelho nos precede.....	9
A grande aventura do reino de Deus.....	15
Paradoxos sobre a felicidade	23
Libertação do homem.....	29
Santidade e progresso.....	37
PRIMEIRA BEM-AVENTURANÇA	45
Os pobres segundo o Evangelho	45
A escravidão das riquezas.....	53
O ativo do Cristão.....	59
O desinteresse do Cristão	65
A grandeza dos humildes.....	71
SEGUNDA BEM-AVENTURANÇA.....	79
O domínio próprio	79
Os senhores da terra	87
TERCEIRA BEM-AVENTURANÇA	95
As lágrimas reparadoras	95
A alegria cristã.....	101
O «Deus de toda a consolação»	109
Dores apaziguadas.....	117
QUARTA BEM-AVENTURANÇA	123
Apelo à magnanimidade.....	123
Fome de santidade	131
Sede de justiça.....	137

QUINTA BEM-AVENTURANÇA	145
Os misericordiosos	145
O «Pai da Misericórdia»	151
SEXTA BEM-AVENTURANÇA.....	159
Na presença de Deus	159
Consciências retas	165
Caracteres íntegros	173
SÉTIMA BEM-AVENTURANÇA.....	181
Os pacificadores	181
O Evangelho da Paz	189
OITAVA BEM-AVENTURANÇA.....	195
O destino do Evangelho	195
Apelo à coragem.....	203
À sombra da cruz	209
A vitória dos cristãos	217

E seguiram-no multidões da Galileia, e da Decápole, e de Jerusalém, e da Judeia, e do país de além do Jordão. Vendo Jesus aquela multidão, subiu a um monte e, tendo-se sentado, aproximaram-se dele os seus discípulos. E Ele, abrindo a boca, ensinava-os dizendo:«»

Bem-aventurados os que têm espírito de pobreza, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados sereis quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque é grande a vossa recompensa no céu; pois assim perseguiram os profetas que existiram antes de vós.

(Mt 4, 25; 5, 12)

E, descendo com eles, parou na planície, Ele e a comitiva dos seus discípulos, bem como uma grande multidão de povo de toda a Judeia, e de Jerusalém, e da região marítima de Tiro e de Sidon, que tinham vindo para o ouvir, e para serem curados das suas doenças. E os que eram atormentados pelos espíritos imundos ficavam sãos. E todo o povo procurava tocá-lo, porque saía dEle uma virtude que os curava a todos. E levantando os olhos para os discípulos, dizia:

Bem-aventurados vós os pobres, porque é vosso o reino de Deus.

Bem-aventurados os que agora tendes fome, porque sereis saciados.

Bem-aventurados os que agora chorais, porque rireis.

Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, e quando vos repelirem e vos carregarem de injúrias, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem. Alegrai-vos nesse dia e exultai, porque será grande a vossa recompensa no céu; porque era assim que os pais deles tratavam os profetas.

Mas ai de vós, ricos, porque tendes a vossa consolação.

Ai de vós, os que estais saciados, porque vireis a ter fome.

Ai de vós, os que agora rides, porque gemereis e chorar eis.

Ai de vós, quando os homens vos louvarem, porque assim faziam aos falsos profetas os pais deles.

(Lc 6, 17-26)

O Evangelho nos precede

As «Bem-aventuranças» constituem o prólogo do Sermão da Montanha, que ocupa no Evangelho um lugar fundamental.

Num planalto situado na cadeia de colinas sobranceiras ao lago de Genesaré, cercava Jesus uma enorme multidão vinda das aldeolas da Galileia, das províncias limítrofes e até mesmo da Judeia.

Havia uns seis meses que o novo Profeta começara a sua pregação. A autoridade da sua palavra e as curas maravilhosas que fazia haviam canalizado para Ele a simpatia do povo. Muitos se perguntavam se não seria aquele o Messias, anunciado pelos profetas de Israel para realizar as antigas promessas de Deus a Abraão, o pai da sua raça. Não era o que Ele próprio dava a entender quando ia repetindo: «Chegou o reino de Deus. Crede na Boa Nova»?

Jesus deveria certamente aproveitar a afluência do auditório para expor longamente a constituição do reino de Deus. Esta expressão «reino de Deus», tantas vezes empregada pelo Salvador, ser-nos-á mais familiar quando, depois de vermos o que ela significava para os seus contemporâ-

neos, conhecermos o sentido que tem para nós, homens do século XXI.

É preciso observar, em primeiro lugar, uma particularidade de vocabulário. Nos textos evangélicos, a fórmula tem variantes. Mateus escreve quase sempre «reino dos céus». Não imaginemos que com essa expressão designa o lugar do além onde estão os santos. A palavra «céus» neste caso é a transcrição de um termo hebraico que não tem singular; equivale à palavra Deus, nome inefável que os judeus se abstinham de pronunciar com receio de o dizerem em vão. Lucas, ao compor o seu Evangelho para os cristãos convertidos do paganismo, que por isso não tinham os mesmos escrúpulos, diz corretamente como Marcos: «o reino de Deus» ou então «o reinado de Deus», o que é mais compreensível para o pensamento moderno.

Estas três fórmulas são rigorosamente sinônimas. Na verdade, a pátria celeste é eminentemente o reino de Deus; mas a missão de Jesus Cristo é levar todos os homens a reconhecerem a soberania do Pai, a estabelecerem o reino de Deus na terra. «Aproxima-se o reino de Deus». Aos ouvidos dos judeus piedosos, esta declaração não se prestava a equívocos. Significava que Deus não esquecera o seu povo e que a aparição do Messias modificaria as condições de existência da humanidade.

No decorrer de longos séculos, o povo eleito tivera o privilégio de adorar o único Deus verdadeiro, mas sabia-se destinado a dá-lo a conhecer ao mundo inteiro. Os seus profetas tinham assegurado que a virtude ordenaria as relações entre os homens quando todos os povos adorassem o Deus de seus pais. «Já não se dará ao insensato o nome de nobre, escreve Isaías, nem o astucioso passará por mag-

nânimo» (32, 5). A paz se estenderá sobre a terra. Não haverá ódios; não haverá guerras entre as nações, profetiza ainda Isaías: «Os povos farão das lanças relhas de arado, e transformarão as espadas em foices. Nenhuma nação levantará o gládio contra outra: não voltarão a preparar a guerra» (2, 4).

No entretanto, como já haviam decorrido quatro séculos sem que profeta algum tivesse surgido na nação judaica, a imaginação popular deleitava-se em realçar as felicidades temporais do reino messiânico. E não é para admirar que a esperança numa desforra nacional se tivesse sobreposto à fé religiosa, num povo desgraçado e submetido ao jugo do estrangeiro. Por isso imaginavam o rei Messias com o aspecto de um conquistador invencível, que haveria de submeter todas as nações à hegemonia de Israel e à lei de Deus.

Cristo não podia evidentemente concordar com tal deformação, tanto da pessoa como da função do Messias. E há de quebrar o entusiasmo dos seus partidários da primeira hora, ao recusar o reino temporal que eles lhe propõem. E, da mesma maneira, só aceitará publicamente o título de Messias apenas alguns dias antes de morrer. Até lá, esforça-se por corrigir os preconceitos daqueles que o escutam. Quando anuncia: «Eis o reino de Deus», acrescenta imediatamente: «Convertei-vos», quer dizer, «mudai de mentalidade, transformai o vosso coração; arrependei-vos».

Pouquíssimos compreendiam o significado desta advertência, pois a maioria estava persuadida de que os filhos de Abraão entravam por direito próprio no reino de Deus. Vangloriando-se da sua fidelidade à lei de Moisés, julgavam não ter necessidade de converter-se. A «Boa Nova»

(tradução da palavra Evangelho) não tardou em decepcionar a previsão quase geral. Aos homens que sonhavam com uma guerra santa e com o domínio do mundo, Jesus Cristo pregava a luta contra o pecado e o domínio de si próprios, como condições para a reforma do mundo. Eis o aspecto dramático da sua missão: quanto mais o Salvador especifica o caráter espiritual dessa missão, mais depressa vê afastar-se aquele povo providencialmente encarregado de preparar a sua vinda à terra.

Mas os contemporâneos de Cristo não se colocavam fora dos desígnios de Deus quando pensavam que o Messias devia transformar a vida dos homens na terra. O reino de Deus, inaugurado por Cristo, contém uma dupla perspectiva, e o *futuro eterno* que Ele anuncia não deve fazer esquecer o *futuro temporal* cujo lugar de realização será a terra. A missão do Salvador insere-se na história da humanidade, fixando-lhe os períodos e o fim. O Evangelho terá uma dupla eficácia: conseguir o céu para os habitantes da terra, mas, ao mesmo tempo, aclimatar já o céu na terra, pela transformação da vida presente dos homens. Para falar com São Paulo, deve criar um homem novo «à imagem de Deus, na justiça e na santidade verdadeira» (Ef 4, 24).

Na época em que o Filho de Deus veio incorporar-se à nossa raça, a condição do homem era já diferente da que nos mostram as primeiras páginas da Bíblia. Tinha-se verificado um grande progresso, tanto nos espíritos como nos corações. Além disso, Cristo deve voltar de novo à terra para introduzir todos os filhos do seu reino na glória de Deus. Este regresso de Cristo há de realizar-se «quando tudo lhe estiver sujeito» (1 Cor 15, 28), o que supõe que

a humanidade terá realizado novos progressos, à medida que o reino de Deus se tiver desenvolvido na terra.

«Crede na Boa Nova», dizia Jesus Cristo. A submissão ao Evangelho é para todo o homem de fé a certeza da salvação eterna; mas, ao mesmo tempo, é para a humanidade, tomada no seu conjunto, um princípio de regeneração e de progresso. Os discípulos de Cristo não podem ficar de braços cruzados à espera do céu, como se nada tivessem a fazer, não digo *na* terra, mas *da* terra. É vontade de Jesus Cristo que orientem para Deus o avanço da humanidade. Os extraordinários progressos da ciência oferecem ao homem de hoje novas condições de existência; ao desenvolvimento da técnica moderna corresponde uma evolução psicológica e social da humanidade. Este aperfeiçoamento terreno está de acordo com o plano do Criador. É apenas necessário – e isso é essencial – que, nesta marcha sempre em frente, os homens evitem desvios, em que fatalmente viriam a perder-se se desprezassem ou transgredissem as leis de Deus.

A nós, cristãos, que conhecemos o fim magnífico da evolução da humanidade, chamada a transformar-se numa família divina, cumpre-nos evitar esses desvios aos nossos semelhantes. Não devemos acreditar apenas no aperfeiçoamento terreno da nossa raça, que é uma certeza dado o progresso científico, e num futuro humano terreno, possível e inevitável em consequência da elevação da cultura e de um sentimento de justiça mais profundo entre os homens. O nosso papel é também o de canalizar esse progresso para o seu verdadeiro fim, que é Deus. Eis o que significa o reino de Deus na terra, para os cristãos do nosso tempo.

Mais do que nunca, temos de fazer-nos eco do convite de Jesus Cristo: *Crede no Evangelho*. A sua doutrina não é um anacronismo. O Evangelho não pertence a um passado que teve o seu fim. Aqueles que o repudiam por conhecê-lo mal, por mais que o pretendam, não o ultrapassam ao se afastarem dele. Afastando-se, comprometem gravemente o progresso humano, sempre solidário com a nossa vocação divina. Há poucos anos, tivemos ocasião de ver – e ainda hoje o vemos – a que abismos de miséria e a que degradação do homem leva uma civilização que julga ter deixado para trás o cristianismo.

O Evangelho nos precede. Ele é o futuro que abre caminho aos homens do nosso tempo. Ainda não foi plenamente realizado pelas sociedades humanas e, além disso, à medida que o homem se aproxima dele, vai percebendo que o Evangelho o incita a ir cada vez mais longe, cada vez mais alto. Não se trata de desviar o caminho, de ser retrógrado para voltar a Cristo. Pelo contrário, é preciso avançar, apressar o passo para encontrá-lo. Cristo precede-nos sempre: é a humanidade que para ou recua quando deixa de segui-lo.

Ao nos propormos meditar e viver os ensinamentos do Sermão da Montanha, não nos decidimos a fazer um estudo retrospectivo, mas um trabalho muito atual, verdadeiro trabalho de todo o cristão. E assim, devemos considerar seriamente a oração que Cristo nos manda dirigir a Deus: *Venha a nós o vosso Reino!* Só chegará definitivamente quando a história dos homens atingir o seu termo. Até lá, temos de pedir a Deus, dia após dia, que nos ajude a ser os realizadores ativos do seu reino na terra. Nessa tarefa, não se encerra apenas a nossa felicidade pessoal, mas a felicidade de presente e futura, temporal e eterna da humanidade.

A grande aventura do reino de Deus

O aspecto exterior da assembleia que se comprime à volta de Cristo, na montanha, permite-nos pôr em destaque vários traços característicos do cristianismo. Esta consideração não é inútil para os que ambicionam ser contados entre os seus discípulos.

O Mestre não quis pronunciar o seu discurso inaugural no interior de uma sinagoga ou nos pórticos do Templo. Para fazer ouvir uma mensagem destinada aos homens de todos os tempos, precisava de ar livre, de altitude, dos horizontes sem limites da natureza.

Na verdade, Cristo vai convocar os que desejam tentar com Ele a maior aventura que jamais foi proposta aos homens: implantar o reino de Deus na terra. É necessário que este empreendimento não apareça como uma organização já estabelecida que possa reformar automaticamente o mundo. Tal como diríamos hoje, ele deve ser um *movimento*, que não cessa de se propagar e de se tornar cada vez maior. O impulso que Cristo deseja provocar exige o ministério itinerante que adotou: hoje fala no flanco de uma colina, depois continuará ao longo dos caminhos. As

raposas têm as suas tocas, os pássaros os seus ninhos, mas Ele não terá onde descansar a cabeça, não terá um teto para se abrigar. Caminhará sempre, sem parar.

Um de seus ouvintes quer trabalhar no reino de Deus? Eis a resposta: «Segue-me». E leva-o pela estradas. Seus discípulos têm de se consagrar a uma luta sem tréguas, a um esforço contínuo sobre si próprios, às constantes conquistas da ação apostólica; nunca terão «chegado». O exército pacífico que Cristo recruta para o reino de Deus terá os chefes que Ele designar e a quem há de instruir; mas este exército regular não terá quartéis, será uma coluna em marcha.

Os discípulos mais dedicados terão, é verdade, dificuldade em compreender esta lei primária do reino. Prefeririam uma atividade menos errante, um horário mais certo e – por que não? – uma casa. Depois da ressurreição de Cristo, alguns esperam ainda que Ele restaure o antigo reino de Israel (At 1, 6). Sonham com uma Igreja inspirada na forte administração do rei Salomão, com um organismo poderoso e respeitado que una todos os povos numa submissão perfeita às leis de Deus. Numa palavra, sonham com um reino bem construído e solidamente assente.

Jesus desenganá-los-á uma última vez. Conquistadores, sentados? Querem restaurar, quando Deus os encarrega de criar; satisfazem-se com arranjos, quando o necessário é construir. Se voltam os olhos para o passado, o Mestre obriga-os a olhar para a frente, até aos últimos confins da terra, até aos últimos dias do mundo. O último conselho que lhes deixa está encerrado numa só palavra, que é uma ordem de marcha: «Ide!» (Mt 28, 19; Mc 16, 15). O cristianismo é um movimento.

É certo que uma sociedade só poderá subsistir se for organizada; eis por que a Igreja se nos apresenta como uma instituição. Mas o Espírito Santo que a conduz impede-a de se anquilosar nos excessos do repouso. Sempre que, no decorrer da sua história, ela estiver prestes a integrar-se no quadro social ou político de uma época, ou estes suportes se hão de desmoronar subitamente, ou a Igreja será perseguida e, nos dois casos, obrigada a encontrar o seu ardor missionário na insegurança. A Igreja não é um estabelecimento, é um movimento; a sua função é «renovar a face da terra».

Cristãos de hoje, não temos o direito de nos fixarmos numa falsa tranquilidade. Não há cristianismo confortável. Devemos avançar sempre, seguindo as pegadas de Cristo. O Evangelho é chama acesa por Jesus Cristo (Lc 12, 49), que pouco a pouco deve abrasar o mundo. «Não apagueis o Espírito» (Tess 5, 19).

Observemos agora a composição do auditório do Sermão da Montanha. Na primeira fila está um pequeno grupo de homens que deixaram ofício e família para se associarem à vida do Profeta e se declararam já seus discípulos. Dentre esses, o Mestre escolheu doze que ligará mais profundamente à sua obra: será para estes que lançará os seus olhares (Lc 6, 20) quando entoar o hino das Bem-aventuranças. Todos são *jovens*.

Ao iniciar a sua vida pública, Cristo tinha pouco mais de trinta anos. Mas os seus primeiros companheiros eram mais novos que Ele: não lhes chamava «meus filhos»? Tiago e João, os filhos de Zebedeu, estão em pleno ardor da mocidade, a tal ponto que Cristo os apelida de «filhos do

trovão». Os outros Apóstolos não são muito mais velhos. Prova-o o fato de que alguns continuavam ainda vivos no último terço do século primeiro. São Policarpo, martirizado em Esmirna em 155, com 85 anos, diz-nos que foi introduzido no cristianismo «por João e vários outros que viram o Senhor».

Para uma tarefa tão audaciosa como a reconstrução do mundo, Jesus convidou primeiro os jovens. Explicou a razão por meio de uma daquelas expressões claras e sem rodeios que lhe eram tão habituais: «O vinho novo precisa de odres novos». Assim como a fermentação do vinho faz rebentar os recipientes já usados e envelhecidos, também o espírito novo do Evangelho deve quebrar – quebrará sempre – os preconceitos e os conformismos. A doutrina de Cristo apenas convence os espíritos jovens e simples, que ainda não têm uma situação definida. E para a espalhar, Cristo tinha necessidade de mensageiros ousados e cheios de vigor físico. Uma vez alistados os jovens, os velhos virão atrás e encontrarão uma nova juventude de alma. Vinculando-se a Cristo – Ele próprio o disse –, qualquer homem, por muito velho que seja, voltará a nascer (Jo 3, 3-8).

Hoje também o Evangelho inflama principalmente o coração dos jovens, dos que se podem considerar jovens, porque o egoísmo ainda não os murchou. Mas também conserva o seu poder de rejuvenescimento: a todos os que lhe submeterem a vida, comunicará uma juventude de espírito inalterável.

Devemos acautelar-nos contra o envelhecimento dos desiludidos que pouco a pouco perdem a confiança no valor do cristianismo. Não é problema de idade, mas de

coração. O que nos leva a essa anquilose é a rotina, assim como o abandono da oração. Pelo contrário, todo aquele que for fiel à meditação do Evangelho verificará a exatidão destas palavras de Faber: «Não posso dizer-vos o que se passa em mim: cada vez amo mais a Cristo; cada dia que chega, é como se nunca O tivesse conhecido. Todas as manhãs me parece mais novo, mais delicado, mais cheio de vida» (*Cartas*, t. II, pág. 39). Graças a esta familiaridade com Jesus Cristo, o cristão pode conservar-se numa permanente juventude. Já o dizia São Paulo: «Embora se destruía em nós o homem exterior, o homem interior vai-se renovando de dia para dia» (2 Cor 4, 16).

Uma última observação. O cristianismo, movimento de jovens, é também um movimento de multidões. É uma *religião do povo*, de todo o povo, de forma alguma reservada a um pequeno círculo de iniciados.

Comprimida lá na montanha, por trás dos discípulos, estende-se uma multidão a perder de vista. Nela estarão inevitavelmente os curiosos, talvez mesmo os censores prontos para a crítica; mas este auditório é em grande parte constituído pelo bom povo do campo, por pequenos proprietários, artesãos de aldeia e pescadores do lago. Os sumo-sacerdotes e os fariseus tinham desprezo por esta população, chamavam-lhes «malditos ignorantes da Lei» (Jo 7, 49). Em breve Cristo dirá que eles são os «benditos», os bem-aventurados.

É a eles que o Messias deve anunciar a Boa Nova. Com grande escândalo dos satisfeitos, inclina-se sobre aqueles para quem a vida é dura, acolhe os pescadores para quem a vida é perigosa, chama os desiludidos, os desanimados,

os desprezados por todos. «Vinde a mim, vós todos os que estais cansados e vos curvais sob o peso dos vossos fardos, e eu vos aliviarei – *ego reficiam vos* –, eu vos repararei, numa vida que seja digna de vós e do Deus que vo-la deu» (cf. Mt 11, 28).

Por sua vez, as classes populares em breve descobrem no novo Rabi alguém que não vinha servir-se delas, mas servi-las. Esta boa gente em breve confiou nEle e desejou estar sempre com Ele. «As multidões, lê-se em São Lucas, queriam retê-lo e que não mais as deixasse. Mas Ele dizia-lhes: “É preciso que eu leve também às outras cidades a boa nova do reino de Deus”» (4, 43). O mesmo evangelista escreve mais adiante: «Todo o povo, ao escutá-lo, estava suspenso dos seus lábios» (19, 48).

Mas Cristo não pretende popularidade; respeita muito os pequenos para os lisonjear. Se a justiça lhe ordena que critique os doutos hipócritas «na presença de todo o povo», a este não esconde nenhum dos seus deveres nem dissimula o seu rigor. Os preceitos mais severos do Evangelho, os que elevam até à virtude mais alta, Jesus considera-os acessíveis a todas as boas-vontades, e estas encontram-se nos humildes. Foi a esta multidão abandonada, tantas vezes enganada, e sempre pronta a ligar-se aos que a amam verdadeiramente, que Cristo se dirigiu na montanha. O seu auditório era um auditório popular.

Por último, não podemos esquecer que a cristandade atualmente necessária à salvação do mundo só se poderá edificar segundo os métodos empregados por Jesus Cristo. Hoje, as classes populares afastaram-se dEle. Faltam a Cristo e Cristo lhes falta. É por isso que o nosso cristianismo seria infiel às suas origens se fosse apanágio de uma

classe abastada ou culta. É a nossa única esperança de o vermos triunfar do ateísmo contemporâneo – digo a nossa *única esperança* – é que ele venha a ser a religião do povo. Por seu turno, também Cristo faz falta ao mundo do trabalho, porque o ideal de justiça e de progresso que este procura na terra só poderá ser por ele atingido se descobrir o Criador, que concebeu o destino do homem, e Cristo, que nos permite alcançá-lo. Daí que não seja possível ficarmos tranquilos enquanto não desaparecer o fosso que separa Cristo das multidões.